

# Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, 4 de maio de 1998 - ano II, nº 18.

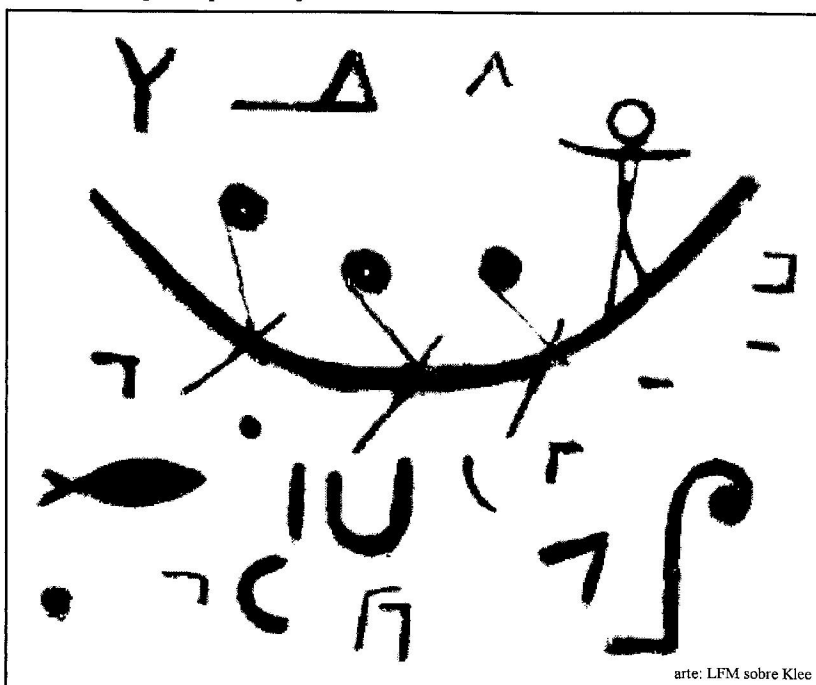
boletim

## Luz e sombra na barca do mar interior

João Vianney Cavalcanti Nuto

*A barca dos homens* - Autran Dourado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

Em *Uma poética do romance*, Autran Dourado caracteriza *A barca dos homens* (1961), *Ópera dos mortos* (1967) e *O risco do bordado* (1970) como romances estruturados em bloco, narrativas não-lineares, ao contrário dos romances realistas e naturalistas, bem como da noção de unidade clássica. Já o contraponto de narrativas em *A barca dos homens* desnorteia aqueles que começam a falar de um romance pelo resumo do enredo. *A barca dos homens* fala da decadência do casamento de Godofredo e Maria, do despertar da sexualidade de Helena, da dupla iniciação do soldado Domício, da descoberta do amor por Maura, da provação do pescador Tonho, da fuga dos prisioneiros, dos conflitos de Frei Miguel, da paixão e frustrações do Tenente Fonseca, entre outros motivos, sem que nenhum deles tenha preponderância sobre



arte: LFM sobre Klee

os outros. Assim expressa, a estrutura de *A barca dos homens* parece carecer de unidade, sendo uma narrativa formada por episódios soltos - o que não é verdade. As diversas células narrativas estão unidas não somente pela ação principal da perseguição de Fortunato, mas também por uma série de motivos, alusões mitológicas, alegorias em que os conflitos dos personagens refletem-se mutuamente, num jogo de espelhos típico da narrativa barroca.

Outra característica barroca, recorrente em todo o romance, é o contraste claro-escuro, expresso logo no primeiro parágrafo e explicado adiante, na voz interior da personagem Helena: "Nela

era mais aguda a realidade negrume-luz, claridade-sombra. O mundo dos pais, dos conceitos, do dever, da justiça, era todo luz; o dela, de que de uma certa maneira Luzia e Fortunado participavam, era a noite escura de solidão em que ela se afundava, perdida". O contraste claro-escuro também se manifesta em Maria, quando é espiada, à noite, e depois, na consumação do ato sexual com o tenente Fonseca. Na verdade, todos os personagens precisam se defrontar com o seu lado escuro, seus segredos: o tenente Fonseca, com sua paixão recolhida; o soldado Domício, com seu medo de falhar na missão e revelar-se

virgem; o frei Miguel, com sua perda de fé, e Godofredo, cuja maior fraqueza é justamente a recusa de encarar o seu lado obscuro, sua fragilidade, seus medos.

Mas o claro-escuro não está somente nos conflitos e caracterizações dos personagens: está na própria caracterização do ambiente; por exemplo, na oposição entre a "parte triste de Boa Vista", cidade velha, pobre e decadente, e a praia das

Castanheiras, a "praia dos ricos", com seu mar limpo e o sol mais brilhante. O mesmo contraste encontra-se nos dois principais blocos de ação: o "Ancoradouro" e "As ondas do Mar Alto". O primeiro se passa em grande parte durante o dia (exceto as reminiscências); o segundo se passa quase todo à noite, exceto no final. A oposição também se reflete no caráter relativamente estático do primeiro bloco e na precipitação da ação no segundo. Também pode ser associado ao contraste claro-escuro a intrusão de um narrador de terceira pessoa, cuja paródia da crônicas de viagem do Brasil colonial faz um contraste irônico entre o pretenso

(continua)

A BARCA DOS HOMENS

## Luz e sombra na barca...

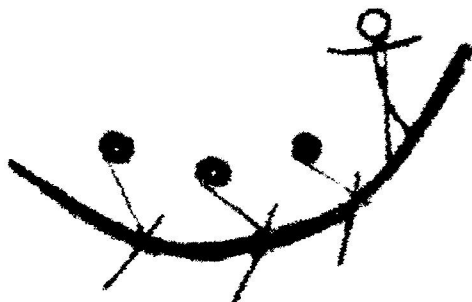
(continuação)

esplendor da retórica triunfalista colonial e a decadência presente; entre o ideal de glória dos cronistas e a irresolução dos personagens do romance, assim como o orgulhoso padrão contrasta com as casas coloniais de reboco caído.

Para expressar os conflitos de seus personagens, Autran Dourado recorre ao que ele mesmo chama de "falsa terceira pessoa", o discurso indireto livre, às vezes com certa liberdade gramatical que tende ao fluxo de consciência, principalmente na caracterização do personagem Fortunato. Por seu retardamento mental, Fortunato não desenvolve um pensamento lógico e abstrato, mas ingenuamente metafórico. Incapaz de aprender a ler, Fortunato "lê" o mundo através dos elementos da natureza que ele tão bem conhece: o mar e os bichos. No que parece simples brincadeira infantil ou delírio de louco é que Fortunato interpreta o mundo. É o caso da briga das aranhas, através da qual Fortunato pensa sobre a situação de Tonho, pescador que perdeu a coragem de ir ao mar.

De todas as imagens recorrentes no romance, uma das mais importantes é, certamente, o mar. Como outros mares, o de Camões e o de Pessoa, e os sertões de Guimarães Rosa, o mar em *A barca dos homens* é muito mais que um acidente geográfico. Na multiplicidade de pontos de vista, através do discurso indireto livre, o mar complementa a caracterização de Fortunato, que o conhece melhor que os pescadores, e do pescador Tonho. O mar também representa o lado obscuro dos personagens ("O fundo do mar é escuro, cheio de memórias e de coisas"): o despertar da sexualidade de Helena, bem como as frustrações sexuais de Maria. Mas, sobretudo, o mar encapelado, além de sua função prática de impedir a fuga de Fortunato e favorecer a morte de Tonho, reflete alegoricamente a inquietação de todos os habitantes da ilha com a perseguição de Fortunato.

João Vianney Cavalcanti Nuto é professor de Teoria da Literatura na Universidade de Brasília.



Sexta, dia 8 de maio

# AVALOVARA

de Osman Lins

O romance do escritor pernambucano é o tema da reunião do GT.

Nesta sexta, dia 8 de maio, às 16 hs., na sala B1-251 (ICC Centro).

Leitura adicional recomendada:  
*Uma obra em movimento*, de Regina Dalcastagnè

**Livros agendados para os próximos encontros:**

15/5 - *O fantasma da infância*, de Cristovão Tezza  
(leitura adicional: "A ilusão biográfica", de Pierre Bourdieu)

22/5 - *Armadilha para Lamartine*, de Carlos & Carlos Sussekind  
(leitura adicional: *Que pensam vocês que ele fez*, de Carlos Sussekind)

5/6 - *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro  
(leitura adicional: *O cortiço*, de Aluísio Azevedo)

POEMA

## Fronteira II

Dora Ferreira da Silva

Esperava-se a fronteira.  
Onde e quando?  
Andávamos  
sem perguntar  
tão liso o dia  
ondulada a noite.  
Evolava-se o ruído  
do capim rasteiro.  
Houve um grito? Era a fronteira  
talvez  
sua cancela aberta.  
Os cães recuaram e os sentidos.  
Quem nos transpôs?



Fonte: *Poemas da estrangeira*. S. Paulo: T. A. Queiroz, 1995.

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/tel/boletim/>